



A FONTE DO ELEPHANTE.

A ERECCÃO de vistosas fontes ou chafarizes nas praças e outros sitios publicos das grandes povoações é não somente obra de grande utilidade, mas tambem de muito ornamento. Como objectos da arte offerecem campo vasto ao esculptor e ao architecto, para fazerem applicação de seus talentos. A agua que dellas mana refresca a atmosphaera, especialmente nas regiões calidas; ou pelo menos causa ao espectador certo refrigerio, que infallivelmente produzem a vista e o som daquelle elemento posto em acção. As capitães da Peninsula e de França levam neste ponto vantagem consideravel á d'Inglaterra, que, aliás tão sumptuosa, é desprovida de fontes que a embellezem. Nesta ultima ha n'algumas paragens bombas movidas a braços, cujo objecto principal é encher as caixas dos carros, empregados no serviço de borriñar as ruas no verão. Sem embargo disso não levaremos mais adiante a nossa censura, por nos lembrarmos que os inglezes, preferindo o util ao agradável, deram á grande copia de aguas, que servem para o consumo da cidade, um curso menos

vistoso, mas indubitavelmente mais commodo para os habitantes. Em vez de aguadeiros, que levem agua ás casas, como succede onde os mananciaes afluem aos chafarizes, tem cada casa seu deposito ou cisterna, que se enche duas ou mais vezes na semana, segundo o maior ou menor consumo, por meio de ductos subterraneos, que procedem do encanamento principal: em muitas ha o que chamam *serviço alto de aguas*, isto é, canos verticaes, por onde as fazem subir aos quartos superiores, evitando o trabalho de andarem os creados a transportalas de baixo para cima.

París é abundante de fontes publicas: Dulaure, na historia desta cidade, numéra em 1825 ao todo 127, algumas de grande merito artistico; e tal é a importancia, que lhes dão por este lado, que as copiaram n'uma colleção de gravuras finas, acompanhada da descripção respectiva. Nenhuma porem das existentes igualaria á projectada em tempo de Napoleão, denominada pela fórma *a do elephante*, e que posto que ha muito foi começada não chegou a com-

pletar-se. Era o local destinado o centro do parallelogramo rectangulo, que occupava a prisão conhecida pelo nome de *Bastille*, entre o canal de S. Martinho e o Arsenal. Lançaram-se-lhe os fundamentos em 1810, mas, sem que seja sabido o motivo porque, suspendeu-se a obra, e não tem sido continuada. Existe, comtudo, o modelo em barro, e por elle se póde julgar do grandioso effeito, que faria o monumento: conserva-se debaixo de um amplo telheiro onde a principio foi armado, immediato ao sitio em que a fonte havia ser erecta; é mui facil conseguir permissão para o ver; o seu enorme volume, de proporções convenientes, é digno do exame dos curiosos.

Sobre um pedestal maciço de pedra devia ser collocado um elephante colossal de bronze, com uma torre ás costas, como se vê na gravura, fazendo tudo uma grande mole de quasi 80 pés d'altura: n'uma das pernas do elephante, de pouco mais ou menos 6 pés de diametro, devia levantar-se uma escada occulta, para subir á torre. A fonte seria adornada com vinte e quatro baixos-relevos, que representassem emblemas das artes e sciencias. Por esta breve exposição se julgará qual a magnificencia da obra, se fosse posta em execução.

ARRHAS POR FÓRO D' HESPAÑA.

1371 — 3.

III

Um bulhão, e uma agulha d'alfaiate.

O SOL, que havia mais de meia hora sahira do oriente cingido da sua aureola de vermelhidão, no meio da atmosphaera turva e cinzenta de um dia dos fins d'Agosto, dava de chapa no rocio ou praça onde avultava o mosteiro de S. Domingos, rodeado d'hortas e pomares, que verdejavam pelo valle da Mouraria ao oriente, e pelo de Valverde ao norte. Já muitos bésteiros, e peões armados de azevas, se derramavam ao longo da parede dos paços de Langarote Peganha, fronteiros ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas d'Almafalla (1), outros do arrabalde da Pedreira, ou bairro do almirante (2), outros da banda da Alcaçova, outros emfim desembocando das ruas estreitas e irregulares que iam dar á opulenta e celebre rua-nova (3). Homens e mulheres se apinhavam aos dez e doze no meio da praça e ás bocas das ruas; fallavam, meneavam-se, riam, chamavam-se uns aos outros. Ás vezes aquella mó de gente, cujo vulto engrossava de minuto em minuto, agitava-se como a superficie de um peço passando um tufão de vento. Incerta, vacillante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se, e semelhante a um triangulo enorme, a uma quadrella gigante desfechada de trom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Ahi hesitava, ondeava, e retrahia-se, como resaltaria a folha cortadora de uma acha d'armas quando não podesse romper as portas chapeadas de forte castello. Então aquella multidão tomava a fórma de meia lua, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria, e vinham topar-se por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, donde confundindo-se e

(1) Hoje o monte da Graça.

(2) Hoje o bairro dentro da rua larga de S. Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rocio e Calçada do Duque.

(3) Hoje Rua dos Capellistas.

irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dormira por seculos, fôra accommettido d'uma das suas raras insomnias, e vivia essa possante vida da praça publica, em que de ordinario é ridiculo e feroz; mas em que ás vezes é sublime e terrivel.

Era a manbañ immediata á noite em que sobrevieram os acontecimentos narrados antecedentemente: o povo preparava-se para uma lucta moral com o seu rei, mas não se descuidára de vir prestes para uma lucta physica, se D. Fernando quizesse apellar para esse ultimo argumento. Era a primeira vez que a arraia-miuda dava mostras da sua força, e reivindicava o direito de dizer armada — *não quero!* — O elemento democratico apparecia pela primeira vez influindo activamente na monarchia; enxertava-se nella como principio politico a par da aristocracia, que com a sua manopla de ferro, arrojava a plebe contra o throno, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria della para esmagar aquelles que ora sopravam nos animos a revolta, e que revelavam ao vulgo uma nova existencia.

A hora aprazada para a vinda d'elrei ainda não havia batido; mas o povo orgulhoso da importancia que subitamente se lhe dera, embevecido na idéa de que obrigaría elrei a partir os laços adulterinos que o uniam a Leonor Telles, não media o tempo pelo curso do sol, mas pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalhára a voz de que D. Fernando chegára, e duas vezes o povo corrêra para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porem, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que, formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas profundas, sobre os columnellos ponteagudos que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios, avultados na pedra dos capitais por entre as folhagens de carvalho e de lodão, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, escarnecerem da cholera popular, que lenta como as marés do oceano, começava a crescer e a trashedar. Apenas lá dentro se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do orgão e do cantochão monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava: — e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que sabiam de mil bocas, e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos psalmos que reboavam dentro da igreja, e que transudavam por todos os poros do gigante de pedra um halito de paz, de resignação e de confiança em Deus.

O povo, porem, era como os homens robustos do Genesis: era impio porque era robusto.

O dia subia e com elle subia o murmurar da desconfiança: as noticias corriam encontradas: ora se dizia que elrei cedêra aos desejos dos seus vassallos e dos peões, e que viria annunciar ao povo a sua separação de Leonor Telles; ora pelo contrario se affirmava que elle era firme em sustentar a resolução contraria: havia quem asseverasse que na alcaçova e no terreiro de S. Martinho se começavam a ajuntar homens d'armas e bésteiros, e a cholera popular crescia porque a atigava já o receio.

No meio de uma pinha de galeotes, carnicheiros, pescadores, moleiros, lagareiros, e alfagemes, dois homens altercavam violentamente: eram Ayraes Gil e Fr. Roy: objecto da disputa Fernão Vasques: arguente o petintal; defendente o beguino.

«Que não virá vos digo eu — gritava Ayras Gil — disse-m'o Garciordonez, o mercador de pannos de Ruão e d'Ipres, que mora ao cabo da rua nova, aos açougues, defronte das taracenas d'elrei.»

«Mentiu pela gorja como um perro judeu — replicava Fr. Roy: — Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a arraia miuda elegido por seu propoedor.»

«Medo ou dobras do paço podem tapar a boca aos mais ousados, e faze-los dormir até deshoras» retrucou o petintal.

«Dobras do paço sei eu que fazem fallar — tornou o beguino com um riso sardonico, lembrando-se do que nessa noite passára: — medo sabeis vós que faz fugir: inveja sabemos nós todos que faz imaginar...»

«Descaro e garganteice que faz mendigar:» interrompeu Ayras Gil, vermelho de cholera, cerrando os punhos e descabindo para o beguino como galé que vai asserrar outra em combate naval.

«Excomunicabo vos» — murmurou Fr. Roy fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

Nisto os gritos de *alcacere! alcacere!* reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dois campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Ayras Gil; e tomando uma postura entre heroica e d'inspirado, estendeu o braço e o index para o logar onde passava Fernão Vasques. Depois partiu com a turbamulta que o rodeava, enquanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado dos outros cabeças da revolta da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma saia (4) de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, touca de ingres com fita de momperle, e cinta de couro, tudo escuro ao modo popular. Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. Dalli, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio. Depois tirando a touca cortejou a multidão para um e outro lado: os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

«Alcacere! alcacere! pela arraia miuda!» alcacere por elrei D. Fernando de Portugal se desfizer nosso torto e sua viltá, senão!...

Este brado que soltou um alentado alface que estava pegado com a balastrada do alpendre foi repetido em grita confusa por milhares de bocas.

De repente da banda da rua de Gileanes sentiu-se um tropear de cavalgaduras que pareciam correr á redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas. — «São homens d'armas d'elrei!» — Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moysés. Em um momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movel e escura: era ampla estrada que se abria desde a rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes desta adelgaçavam-se rapidamente: para a banda da Mouraria e da Pedreira os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das azevas populares, que erguidas scintillavam ao sol,

(4) Muitos dos trajos civis do seculo 14.º eram communs a ambos os sexos, ou pelo menos tinham nomes communs, como se póde vêr da lei de D. Affonso 4.º acerca dos trajos.

começaram a descer e a sumir-se como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasquez olhou ao redor de si: estava só. Descórou; mas ficou immovel.

Entretanto o tropear approximava-se cada vez com mais alto ruido: os bésteiros do concelho postados ao longo dos paços do almirante eram talvez os unicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já haviam estendido sobre o braço da bésta os virotes hervados, e revolvendo a polé faziam encurvar o arco para o tiro. Os bésteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas, e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e vinhas d'Almafalla, ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas no meio deste susto geral apparecêra um heroe. Era Fr. Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo occulto que lhe dera D. Leonor; ou fosse robustez d'animo, ou fosse finalmente a persuasão de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear correu para a quina da rua d'onde rompia o ruido, e mirando pela aresta do angulo um breve espaço, voltou-se para o povo, e curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do eremita, o povo começou a refluir para a praça. Aquellas risadas produziam mais animo e enthusiasmo que os *quarenta seculos vos contemplam* de Napoleão, na batalha das pyramides. Os amotinados recobriram n'um instante toda a anterior energia.

Esta scena tinha sido rapidissima: todavia ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar ou fugir, quando se conheceu claramente a causa daquelle temor que apertára por algum tempo todos os corações. Era a côrte que chegava.

Montados em mulas possantes os officiaes da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juizes do desembargo vinham assistir ao auto solemne, em que da boca d'elrei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraia miuda como dos senhores e cavalleiros, ou a confirmação de um casamento, mal agourado por muitos nobres e por todos os burguezes, e condemnado de um modo nada duvidoso por estes ultimos. No meio das variadas côres dos trajos cortesãos negrejavam as garnachas dos letrados e clerigos do paço, e entre o reluzir dos esplendidos arreios das mulas alentadas e fogosas dos vassallos seculares, dos alcaides môres e senhores, viam-se rojar as gualdrapas scientificas das mansas cavalgaduras dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados, que constituíam o supremo tribunal da monarchia, a curia ou desembargo d'elrei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado, e em todos os rostos transluzia o receio acerca de qual seria o desfecho deste drama terrivel e immenso em que entravam representantes de todas as classes sociaes.

Entre os membros daquella lustrosa companhia, distinguia-se por seu porte altivo o conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa epocha se dá por excellencia o nome de *fiel conselheiro*. Quando os amores d'elrei com sua sobrinha começaram, elle fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligencias para desviar o monarcha de levar ávante seus intentos. D.

Fernando persistira todavia nelles, e então o conde juntamente com a infanta D. Beatriz (5) e D. Maria Telles, irmã de D. Leonor, suscitaram a idéa de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto, e posto que houvesse estendido a sua má vontade a todos os parentes de Leonor Telles, odiava principalmente o conde como protector daquelles adulteros amores. Foi portanto nelle que se cravaram os olhos dos populares, que tendo-se em poucas horas elevado até a altura do throno, não hesitavam em dar testemunho publico do seu odio contra o mais distincto membro da fidalguia (6).

«Velha raposa — em que te peze não será a adúltera rainha da boa terra de Portugal!» — gritava um carniceiro voltando-se para uma velha que estava ao pé d'elle, mas olhando de travez para o conde que passava.

«Leal conselheiro de barreiguices, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço?» — perguntava um alfaceiro fingindo fallar com um visinho, mas lançando também os olhos para D. João Affonso Tello.

«Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo? — acudiu um lagareiro, calvo, e acurvado debaixo do peso dos annos. — Deixai-os morder uns aos outros, que é signal de Deus se amercear de nós.»

O que elles mereciam, interrompeu uma regateira, era serem atagantados (7) com boas tiras de couro crú.»

«E ella, tia Dordia?» — acrescentou um ferreiro. «Conheceis vós a comborça? — Ás varas a quizera eu: uma do alcaide no chumago; outra do coitado nas costas della!» (8).

«É costume; ergo direita a pena:» — notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle espectáculo, e que até ahí guardára silencio.

Estas injurias, que como o fogo de um pelotão se disparavam ao longo das extensas e profundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcellos, que fingindo não as escutar, empallidecia e corava successivamente, e mordia os beiços de colera.

De quando em quando o vociferar affrontoso da gentalha era affogado no ruido de risadas descompostas, mais insolentes com vezes que as injurias, porque no rir do vulgo ha o quer que é tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o animo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham naquella comitiva, viam-se, porem, muitos fidalgos e letrados, que ou lhe eram pessoalmente inimigos, ou pelo menos desaprovavam alta e francamente a sua união com elrei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles e o povo ao ve-lo passar o saudou com um murmurio, que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devêra a um caso analogo, a morte de D. Iñez de Castro.

(5) D. Beatriz era irmã dos infantes D. João e D. Diniz, e meia irmã d'elrei.

(6) O titulo de conde era o de maior preeminencia entre nós, e João Affonso Tello era então o unico que em Portugal tinha semelhante titulo.

(7) Açoutados.

(8) Segundo varios quadernos legaes do nosso direito consuetudinario e municipal da epocha visigothico-feudal, em certos casos applicava-se ás mulheres casadas a pena de que resa o discurso do ferreiro. O alcaide vinha a casa da criminosa, punha no chão um travesseiro, pegava n'uma vara e começava a bater em cima d'elle, fazendo-lhe o compasso o marido da culpada nas costas desta: tal era o modo porque as mulheres estavam ás varas, pena, que com menos apparatus se applicava também aos homens por muitos e diversos crimes.

Quando os fidalgos cavalleiros e letrados da casa e conselho d'elrei se apearam junto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que elles desembocaram na praça, subiu apoz elles, e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada em volta:

«Se elrei ainda não é presente — disse elle em voz intelligivel e firme — ahí tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que elles poderão dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle virá depois confirmar seu dito.»

«Senhor Fernão Vasques, sois o nosso propoe-dor: — a vós toca o fallar» — replicou um do povo.

«Assim o queremos! assim o queremos!» — bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortesãos, conselheiros e letrados do desembargo d'elrei, e disse:

«Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas a elrei nosso senhor, que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escripto, que sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve de cessar, no que ellas bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devieis dizer isto, e eu não; porem, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros em ello não quereis pôr mão, mostrando que vos docis pouco da honra e serviço d'elrei...» (9)

«Cala-te villão!» — bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos com voz affogada de cholera, que já não podia conter — se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue em vez d'injurias por essa boca sandía.»

O velho Pacheco poz-se também em pé.

«Conde de Barcellos — exclamou elle — lembrai-vos de que os burguezes teem por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de queixarem-se, e de os reprehenderem. Nós somos menos que os reis.»

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado — mas era d'indignação — e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abríra uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros attentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rocio ao tropear da multidão, um semi-circulo de mais de quinhentos bésteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Affonso Tello, e com a mão tremula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

«Senhor conde, vós sois que doestaes os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa; porque eu nada fiz senão repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propuz não é meu: — eis seus auctores! — Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o seu gibão de ferro para vestir o de tela, não sei eu se este é mais forte que o do peão, e se também a sua boca não póde golfar sangue como a d'um pobre villão.»

D. João forcejava por desavir-se do alfaiate, procurando levar a mão á cinta onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde já tinha entrado na idade em que costuma minguar a

(9) Textual. — Veja-se Fernão Lopes, Chr. de D. Fernando cap. 61.

robustez do homem. Não pôde chegar com a mão ao cinto.

«Conde de Barcellos: — proseguiu o alfaiate com um sorriso — não recorraes a esse argumento; porque eu tambem estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhão.»

Estas ultimas palavras, ditas em tom d'escarneo, mal foram ouvidas: a grita na praça era já espantosa; as injurias, as pragas, as ameaças cruzando-se nos ares produziam aquelle rouco e grande brado da furia popular, que só tem semelhança com o ruido de tufão abysmando-se por cavernas immensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dois contendores; os parciaes de D. Leonor o conde; os outros, cujo numero era muito maior, o alfaiate — e tanto estes como aquelles trabalhavam em apasiguá-los, posto que todos os animos estivessem quasi tão irritados como os dos dois contendores.

Finalmente o conde cedeu. — O aspecto da multidão que se agitava furiosa contribuiu, porventura, mais para isso, que todas as rasões e rogativas dos fidalgos e cavalleiros, atonitos com o espectáculo, inteiramente novo naquella epocha, da ousadia popular: — desta ousadia que menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrível que a da vespera, — a qual apenas se atrevêra ao throno.

Que fazia porem o nosso beguino no meio destes preludios de uma eminente assuada? — É o que o leitor verá no seguinte capitulo.

(Continuar-se-ha).



ROMANOS DO SEculo PRESENTE.

Todos os povos degeneram com as vicissitudes de sua fortuna; quebrantam-se os brios com o captivoiro, e com a falta de recursos vem o desmazelo; e sem valor e actividade não pôde haver nação feliz. A irrupção dos barbaros do norte não só devastou

os monumentos da arte antiga, como tambem espalhou as trevas de sua brutidade e fereza pelos povos, que avassallou; porque já os achou corrompidos, e faltos de espirito nacional, que é o grande motor das virtudes civicas, como o amor á familia é o elemento de todas as virtudes domesticas. Em decadencia iam os romanos, quando sentiram aquelle açoute da ira de Deus; assim como em lastimoso estado de abatimento se achava o imperio do oriente, quando os seguidores do alcorão entraram a soberba Constantinopola. Em Roma, alguns pontificados deram novamente esplendor ás artes, e trabalharam por melhorar a condição social; porem se pela primeira parte se lograram felizes effeitos, quanto á segunda, muitas circumstancias em grande parte a frustraram. E como poderá prosperar a classe principal, do povo, a agricola, que é o nervo dos estados, quando o territorio que circumda Roma jaz bravio, como unanimemente affirmam os viajantes?

O povo da classe baixa na capital em geral vive pobremente, porque os seus recursos são escacos e precarios: muitos dependem da caridade, e ha uma inundação de mendigos, accrescida com os que de muitas partes concorrem, principalmente no tempo das grandes solemnidades religiosas: reinando annos de mingua de fructos, ou occorrendo agitações politicas, sobem de ponto as privações; como quando os francezes em 1809 derribaram o governo papal. Grande parte da população subsiste dependente, directa ou indirectamente, da cõrte pontificia, dos cardeaes e prelados, da nobreza, dos ministros diplomaticos, e dos viajantes e artistas estrangeiros.

Os romanos d'hoje, isto é os operarios e officiaes mechanicos, adoptam certo modo de trajar, que traz á lembrança o vestuario de algumas provincias de Hespanha combinado com o de outras do reino das Duas-Sicilias. A estampa representa os figurinos populares do sexo varonil e feminino. Pelo que respeita ás qualidades moraes, os romanos possuem notavel perspicacia na percepção, e são aptos para as artes e a industria, inclinados á satyra, e postoque reservados na expressão dos seus sentimentos são graves e ostentadores, e alem disso fogosos. A vingança e o ciume são por vezes origem de crimes entre a plebe.

O Sr. visconde de Chateaubriand exprime-se a respeito delles da seguinte maneira: — «Quanto aos romanos modernos, penso que Duclos estava de má catadura ao chamar-lhes *os italianos de Roma*. Creio que ainda existe nelles o fundamento de uma nação nada commum. Com facilidade se pôde descobrir neste povo, tão severamente julgado, muito bom juizo, coragem, paciencia, engenho, signaes profundos de seus costumes antigos, um certo modo de soberania e algumas nobres praticas, que ainda fazem lembrar o passado imperio.» —

A classe superior consiste em duas ordens distinctas: a hierarchia clerical, de cardeaes e prelados, que constituem a cõrte papal, em cujas mãos pára o governo, e que preenchem os principaes cargos da admnistração; e a nobreza secular com titulos de principes, marqueses, &c. que vivem de suas rendas, e pouca influencia teem nos negocios politicos. Na classe média *a mezza ceto* os legistas formam uma secção importante, e dividem-se em — 1.º *advogados consistoriaes*, que só pleiteiam ante o consistorio, ou conselho privado: 2.º *avoccati rotali*, que advogam nas outras curias: 3.º *curiali*, ou *patrocinatori*, que são uma especie de sollicitadores e procuradores: 4.º *notarios* ou tabelliães, que compoem uma corporação presidida pelo prefeito dos archivos.

No seculo actual tem brilhado em Roma oradores mui distinctos em a nobre profissão da advocacia.

Os *mercanti di Campagna* isto é, os rendeiros principaes que trazem de renda as vastas fazendas, em que é repartida a Campagna di Roma, (*) pertencentes á fidalguia, ou a varias igrejas, conventos, corporações, ou estabelecimentos de caridade, constituem uma classe rica: vivem com luxo na capital, tem seus escriptorios, e empregam numerosos agentes, caixeiros, feitores e servos. A mais pequena dessas granjas requer um capital de vinte mil cruzados, e a maior dez vezes mais. Quasi todas as terras baixas desde Corneto até Terracina estão por conta de uns 150 dos taes rendeiros; um terço dos quaes, os mais opulentos, moram em Roma.

Pelo que respeita á topographia e alguns monumentos da capital do orbe catholico, póde o leitor cuidadoso de instruir-se consultar neste nosso jornal, primeiro a pag. 42 do 1.º vol., e em seguida os artigos sobre o Pantheon a pag. 257 do mesmo vol. — Basilica de S. Pedro pag. 297 do 2.º — Columna de Trajano pag. 252 *idem* — Catacumbas 96 *idem* — Estabelecimentos de caridade 143 do 4.º — o celebre Fóro pag. 209 do presente vol. —

As Estações.

O Inverno.

Viderunt te aquæ, Deus,
viderunt te aquæ.

Submersi sunt..... in
aquis vehementibus.

CANTICUM MOYSI. —
Exod. 15.

....E AHI tendes ensopadas as terras nas aguas que trasbordam, e ahí vedes inchados os ribeiros dominarem na planicie... e por toda a parte a natureza assolada, moribunda e lagrimosa!

É grande — é magestoso!

Inverno, inverno, erraram os que te pintaram velho decrepito e enroupado aquecendo as mãos geladas no domestico braseiro. Não será assim que te eu heide imaginar. Tu és como os antigos patriarchas. Tua fronte rugosa exige o respeito, mas teus membros athleticos e forçosos infundem o temor. Deixa ás outras estações a belleza infantil, a belleza da juventude e a belleza adulta, tu tens a da grandeza, a da magestade, a da veneração. — Inverno venerando, salve, tres vezes salve. É tua voz a voz da tempestade, é teu sceptro o raio de Deus. — São teus hymnos os concertos do oceano em furia e os mugidos das montanhas. És gigante, és colosso, és immenso. Quando um brado teu se alevanta, a natureza cala-se e emmudece; quando acenas com teu sceptro, as gerações do mundo cahem com os joelhos na terra pedindo misericordia; quando te apraz acordar os echos funebres dos rochedos e os canticos tremendos das solidões do mar, o universo escuta com terror as musicas do teu festim. Tu varres da face do firmamento os astros nelle suspensos. Tu cobres com teu manto negrissimo o brilho do manto recamado das noites serenas e dos dias formosos. Tal és, ó inverno. — Não mesquinho, encolhido, temeroso, mas grande, magestoso e soberbo. — Sal-

(*) E' necessario não confundir toda a provincia com a esteril facha de terra, que cinge a cidade de Roma, chamada o *agro romano*, especialmente infecunda pelos lados da estrada que desta cidade vai a Napoles.

ve, rei das assolações, salve, braço direito das iras do Senhor, salve, patriarcha severo das estações!

Apraz-me á noite e só no cimo agreste
Do pincaro mais alto da montanha,
Junto ao tronco mirrado de um cipreste,
Unico em pé em solidão tamanha;
Apraz-me o contemplar
O céu negro — a terra escura e triste —
Paz do mundo — mudez de quanto existe, —
E os desertos do mar!

Contemplo... e paio então c'o pensamento
Sobre esse verme ingrato — homem chamado —
Que treme quando ás portas bate o vento,
No silencio e na sombra alli fechado,
Que nos dias formosos
Passa incuidoso orgulhos vomitando,
E que apenas — se as trevas vem chegando —
Tem prantos vergonhosos.

Homem vão — espirito escolhido
Pelo Deus da tormenta e da bonança —
Anjo revel te has feito — eis-te cahido
N'esse abysmo em que jazes sem esp'rança,
Fadou-te o sempiterno
Sina real ao dar-te a natureza.
Regeitaste-a: — Quizeste vil grandeza: —
Homem, quizeste o inferno!

E eu que fujo de ti — á tempestade
Venho pedir os temerosos brados,
O trovão que rebomba e a magestade
D'um oceano de fogos encruzados.
No meio d'esse horror,
Quando tudo ou combate ou se lamenta,
Eu só de pé no seio da tormenta
Canto um hymno ao Senhor.

É bello ver a calva penedia,
Sobre as ondas ferventes debruçada
Gemendo longas queixas de agonia,
Ser do raio do Eterno visitada.
É bello ainda ouvir
No concavo da praia o mar que anhela,
E d'entre as rôtas nuvens da procella
Ver a lua surgir.

E é bello, é sublime! Parece que nos horrores da tempestade quiz Deus revelar a sua grandeza aos homens. Os affeminados das cidades, esses não podem fazer mais, quando falla e ruge a tormenta, do que empallidecer de susto e buscar o abrigo de seus tectos mesquinhos. Mas o homem da natureza, o que livre existe face a face com ella, esse admira-a, contempla-a e torna a admira-la, esse longe de amedrontar-se com o estampido dos elementos em furia, folga com as formosuras sublimes das tormentas, esse não se encolhe medroso, nem se aninha no canto da habitação, não; sobe ao mais alto d'uma rocha e alli sorrindo ao turbilhão desenfreado, ao raio e ao bulcão, olhando desdenhoso para as serras espumosas que parecem arrojarse contra elle, alli — colosso que tem por base a rocha e o

oceano — alli é esse homem verdadeiramente o soberano da natureza!

Nós que vamos aos theatros pedir commoções, nós que nos abalámos com as palidas imitações do natural, porque não iremos aos campos buscar a verdade e as commoções reaes! — Sem duvida tendes visto o quadro d'uma tempestade? E que vos tem acontecido? — Achaste-vos tomado de admiração e pavor, e penetraste-vos da magnificencia do espectáculo. — Sem duvida tendes ouvido a narração d'uma procella? E que vos tem acontecido? Sentiste correr-vos para o coração ora o espanto, ora o pavor, ora o terror pendentés de cada palavra do que narrou. — Pois se assim commove a relação desanimada, se d'esse modo abala a copia descorada, por que não ides pedir á propria natureza o profundo de suas sensações e o sumptuoso e grande de seus quadros?

Pelas quebradas da serra
Mugem as aguas ferventes,
Crescem, pulam, incham, descem,
E derramam-se em torrentes
E o dorso das rochas cobrem
Alvos mantos transparentes.

Cada fendá, cada pedra,
De negro musgo cuberta,
Chora em fio transformada
Em fonte patente e aberta;
E ruge audaz a torrente
Pela campina deserta.

E só frouxa luz vislumbra
No mais denso do arvoredó,
Como um astro pequenino,
Que no céu luzisse a medo,
Como pharol moribundo
Sobre distante rochedo:

Signal unico de vivos
Na terra toda calada;
Unica estrella brilhando
Em noite tão carregada;
Homens buscaram abrigo
Lá na selva emaranhada.

E o valle é todo engulido
Pelas aguas tão fataes,
E á rouca voz das torrentes
Echos respondem com ais,
E as ondas que vem da serra
Cada vez crescendo mais.

Em turvo pego alteroso
O valle se converteu
E a rasa campina chã
Co'a côr o nome perdeu,
É ilha a serra orgulhosa,
Mar o campo, e fonte o céu.

Mas inda a estrella da selva
Brilha na encosta fronteira,
Como suspensa nas trevas,
Como santa mensageira
E entre Deus o mundo e os homens
D'esperanças medianeira.

Medianeira d'esperanças,
E tão só na natureza
E tão cheia de saudades
E tão farta de belleza,

Brilha, ó luz, e testemunha
D'estas scenas a grandeza.

Que importam lustres ardentes,
Trasbordando de esplendor,
Comparados n'estas sombras
Com teu mystico fulgor? . .
Brilha, ó luz, e incanto d'olhos,
Seu abrigo e seu amor.

E quantas vezes, testemunha attenta d'este ou d'outro semelhante quadro, quantas vezes tereis parado a contemplar, saudosamente enlevado, o tremulo sciintillar d'uma luz moribunda, que ao longe semi-oculta entre as ramadas vislumbra incerta no ueio do silencio, da escuridão, e do espaço. — Se quereis saber o que são enlevos d'alma, suave poesia dos sentidos, e fundo meditar, procurai contemplar as variadas scenas do nosso inverno. Achareis sublimidades tremendas, magnificencias espantosas, mas encontrareis tambem amores e saudades. Nem sempre ruina, assolação, tempestades e procellas. Tambem algumas vezes o céu risonho, o ar puro, e a terra socegada. Subi ao alto do modesto campanario do presbyterio da aldêa, lançaí os olhos sobre esse campo, que ha pouco vos pinteí inundado pela cheia devoradora, alargai-os a essas serras tão magestosas no bramir da tormenta e tão placidas e amenas apoz a tempestade, que vedes? — O sol que no estio queima, abrasa e destroe, agora mollemente espriado pelas veigas, que o inverno tornou vigosas, accorda todos os reflexos escondidos; chama á vida a creação — reanima-a; faz de cada presa d'agua um amplo espelho; penetra no seio da terra humedecida e a fertilisa e a dispõe a novos trabalhos. Que vedes? — O homem sabindo folgado e cortando com alegres cantares a paz serena da campina luminosa. Que vedes? — As arvores revestindo-se de novas folhas e sacudindo da coma agitada abundantes aljofares que prodigas atiram ao solo onde vão brilhar ainda. — Que vedes! A natureza não já sequiosa e anhelante, mas farta e alegre, sorrindo em tudo. Que vedes? — As fontes espalhando por toda a parte a abundancia. Que vedes mais? O céu puro, os ares amenos, a terra alcatifada, e os viventes satisfeitos buscarem consolação nos raios voluptuosos do sol do inverno. A aridez fugiu. A secura é morta. Só vivem as aguas espelhentas que a terra não pôde beber: vivem as relvas que despontam e as folbas que renascem.

E como é doce nas longas noites carregadas e nevontas, quando o monotono cahir da chuva parece embalar a alma e convida-la a suaves meditações, como é doce o canto da lareira domestica, as folgadas palestras do serão e a paz da familia! Como é doce ainda o fundo conversar com um companheiro fiel, com um livro são á luz suave da lampada amiga, ao abrigo do tecto modesto, sem mesquinho temor do bulcão rijo, que vai passando, como sem receios de consciencia, nem vaãs perturbações! Que agradável é o pedir ás paginas ardentes do poeta o contagio da inspiração; aos trechos apaixonados do romancista a moral na acção, e a acção na moral; ou á penna conscienciosa do historiador a vida que é passada, o seculo que já lá vai, e as almas dos heroes de que o mundo ficou orphão! Ai do que não sabe gosar das horas que Deus cortou aos trabalhos do existir!

Cahe lá fóra a chuva em torrentes — estão alagados os campos — trasbordam os regatos — vão caudaes os rios tortuosos — rebomba o trovão — estala o raio — salta fendida a ossada da montanha — ar-

dem como fachos immensos os carvalhos da matta.— Que importa? Já contemplámos a tormenta na sua força e magestade.— Entremos agora no intimo da habitação, sentemo-nos ao abrigo da oração de Deus e da pureza d'alma sem nos envilecermos com medos vis — filhos talvez de incerteza criminosa da vida que passou.

Iremos ao archivo dos pensamentos, d'esses aturados imaginadores, buscar o pacifico deleite d'estes momentos ociosos, ou preferiremos antes matarmos o serião com as doces conversações da amavel familia?

Mal do que por baixo de um céu de luto corre insensato nas calçadas da cidade immunda, fazendo com os pés de seus cavallos saltar a lama das ruas ás faces palidas do misero tiritando desabrigado. Mal do que não repara no moribundo que esmagou na sua passagem para correr ás salas sensuaes do baile tumultuoso. Mal do que diz ao mendigo «perdoa-me» e á festa «aguarda-me» porque esse se por ventura o arrependimento o não visitar a tempo, nem será aguardado no céu nem será perdoado por Deus. Mal do que troca o serião innocente do campo pelo buligoso festim das cidades.— Que vai elle lá buscar? O prazer, a diversão de seus cuidados, o repouso ou o divertimento. Maldito o prazer que custa as lagrimas do pobre, que essas lagrimas podera enchuga-las a minima parte da somma consumida loucamente para quem d'ella não carece! Maldita a diversão que obrigar a deixar em mãos mercenarias e descuidadas os santos penhores d'uma união abençoada por Deus, e a abandonar esquecidamente as mais puras e as mais dignas affeições da terra. Maldito o repouso ou o divertimento procurado a preço de inquietações, desasocegos — e quantas vezes de vilipendios? — Que vai elle lá buscar? Alguns sorrisos enganosos, algumas finessas insulsas, algumas lisonjas fastientas ou exageradas, algum cumprimento dez vezes repetido e outras tantas mentiroso.— Que vai elle lá buscar? O brilho falso, o brilho do ouropel, o brilho que se reflecte, muita vez, no rosto do que o procura em luseiros vergonhosos de infamia.

Feliz o que vive no campo alegre com as alegrias da natureza, socegado quando ronca a tempestade. Feliz o que ao rapido lampejar do relampago ameaçador responde com uma invocação a Deus e com a firmeza de sua fé. Feliz emfim o que velando junto dos filhos assustados, ou conversando com os seus passou breves horas de repouso. Dormirá esse descansado em seu somno, e quando pela manhaã se fôr a examinar a aurora que se ergueu, folgará se vir as eminencias coroadas de luz, as encostas vecejantes, e as campinas alcatifadas; folgará ainda se encontrar o céu nublado, a terra alagada, e as montanhas trasbordando de lamentosos echos.— O seu prazer está em si mesmo: para que irá elle pedi-lo a estranhos que lh'o não podem dar?

E admirais-vos de vos eu fallar moral quando me propuz a fallar do inverno? — O inverno é a estação em que mais devemos olhar para a existencia, que o inverno da vida é a estação do bom conselho, mas ai tambem do que para o inverno guarda a prudencia e o arrependimento.— Muita vez já não é tempo.— A morte nem sempre se annuncia.

Cerraremos nós porem o que ácerca do velho inverno hemos dicto sem diligenciarmos o amenisa-lo um pouco? — Vejamos.

De dia mui formoso
Na placida alvorada
É bello ver a aurora
Surgindo destoucada,

É bello no meio dia
Á sombra da parreira
O ver o rei dos astros
Soberbo na carreira.

É bello ao pôr do sol
Olhar a branca serra
Cortar o azul dos céus,
Calcar co'a base a terra.

É bello pela noite
Formosa a scintillar
Á sombra dos salgueiros
Saudoso meditar.

E vem apoz o inverno
De novo a primavera,
Somente o triste humano,
Se acaso o inverno impera,
Só tem em face a campa
E nada mais espera.

E eis-me-aqui findando lugubrememente.— É talvez
sina minha. (Silva Leal — Junior.)

CUIDAM muitos que os modos de affectada melancolia, certo ar habitual de tristeza lhes conciliam o respeito de outras pessoas, e lhes grangeam a estimação, e a opinião de reflexivos e meditadores. Enganam-se: ou são reputados visionarios, ou embaidores. «Se a seriedade casmurra [diz um escriptor nosso] fosse indicio de juizo, ou, como vulgarmente dizem, de philosophia, não haveria entre os animaes philosopho maior que o burro velho, que está de catadura sorumbatica.» Isto não passa de um chasco; mas os motejos são ás vezes como os apologos envolvem verdades.

Queixam-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, nenhum de pouco juizo.

Agrada-nos o homem sincero, porque nos poupa o trabalho de o estudarmos para o conhecermos.

A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis annuncia aos S.^{res} Assignantes actuaes deste Jornal, residentes em Lisboa, que no principio do anno proximo futuro continuará a mandar-lhes os n.^{os} ás suas moradas, procedendo depois á cobrança por meio de recibos assignados pelos Directores. Aquelles S.^{res}, que não quizerem continuar, terão a bondade de assim o participar a tempo no Escriptorio da Sociedade.

Os S.^{res} Assignantes nas Provincias, em terras onde a Sociedade não tem correspondentes, são avisados para renovarem com tempo (querendo) as suas subscripções, enviando a importancia pelo Seguro do Correio Geral, franca de porte.

Tendo os distribuidores do Panorama algumas vezes entregado conjunctamente com os exemplares deste Jornal Prospectos de alguns livros que se publicam; a Direcção previne o publico de que tão somente são obras dadas á luz pela Sociedade as que nos Prospectos vão como taes expressamente annuciadas,